



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

BELO HORIZONTE, 5 DE MARÇO DE 1960.

AO RECEBER O TÍTULO DE PROFESSOR *HONORIS CAUSA* PELA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS.

Ao longo de minha vida de homem público, poucas 162
cerimônias hão de ter em meu espírito a ressonância
dêste encontro na Faculdade de Medicina onde me
formei.

Quisestes honrar-me duplamente, conferindo-me 163
nesta oportunidade o mais alto dos títulos universitários
e convidando-me, ainda, a proferir no dia de hoje a
aula com que se iniciam os trabalhos do ano escolar.

Qualquer um dos dois gestos bastaria a penhorar-me 164
à vossa fidalguia para comigo. O título de professor *Honoris Causa*, que houvestes por bem atribuir-me, e o exercício excepcional da cátedra, que neste momento me é confiada, bem sei o que significam na hierarquia das vossas distinções.

A um e outro saberei dar o devido relêvo nas 165
minhas lembranças reconhecidas, a que associarei as
imagens objetivas desta solenidade, com tantos amigos
à minha volta, cercando-me de estima e de compreensão.

Esta Faculdade é a única para a qual posso em- 166
pregar o possessivo — minha. As demais, em nosso
país ou no estrangeiro, embora mais ricas e imponentes,

não têm aos meus olhos a significação particular desta escola mineira, que me preparou para a vida pública.

167 Certo, o edifício que a representa não é o mesmo do meu tempo. Outras são as salas de aula, outro o anfiteatro, outros os corredores e pátios, outra a sala de anatomia, mas a instituição é a mesma, sólidamente enraizada no tempo e na minha memória.

168 Dos velhos mestres que aqui encontrei, a começar pela figura de meu primeiro diretor, o Doutor Borges da Costa, e a terminar pelo Doutor Hugo Werneck, de cujas mãos recebi meu diploma de médico, a quase totalidade foi estudar aquela geologia do campo-santo, a que aludiu Machado de Assis num de seus grandes livros da maturidade.

169 Dos meus condiscípulos, muitos já não responderiam à chamada dos antigos bedéis, recolhidos também ao silêncio de seus túmulos. Outros, felizmente, continuam desdobrando aqui e lá fora as lições desta Faculdade, fiéis aos exemplos aqui recolhidos na palavra e na conduta de nossos mestres.

170 Companheira dos sobreviventes, a memória nos restitui o tempo passado, ao toque de reunir de cerimônias como esta.

171 Todo o mundo submerso de lembranças antigas refluí à tona de minha consciência à simples enunciação do nome de minha Faculdade, e eis-me a unir as pontas do tempo, de relance colocando o dia de ontem no dia de hoje, e repondo no lugar do novo o velho edifício que me acolheu em 1922.

172 Posso dizer que todo um ciclo de minha vida pública tem nesta Faculdade a sua inspiração e o seu motivo. E se aqui não encontrei, à hora de minha chegada, a figura por tantos títulos venerável do Doutor

Cícero Ferreira, a cujo entusiasmo e a cuja fé somos devedores dêste instituto, guardo comigo as palavras dêste mestre, que Odilon Behrens, o orador de minha turma, teve a felicidade de lembrar, quando daqui nos despedíamos: “É da solidariedade que surge a fôrça e é a boa harmonia que conquista o acatamento social.”

Senti a verdade dessa lição, aqui, quando estudante, e mais tarde, aqui mesmo, como professor, na condição de assistente da cadeira de Clínica Cirúrgica do Doutor Otaviano de Almeida, e da cadeira de Clínica Médica, do Doutor Baeta Viana. Depois, em outros caminhos da minha vida pública, nunca deixei de ouvi-la, como uma sugestão e um conselho, como um lema e um incentivo, e agora verifico, no vosso duplo gesto de bondade para comigo, que é essa lição que igualmente vos inspira, na solidariedade e na boa harmonia dêste encontro cordial, em que me proporcionais, além de um novo título e êste contato, o regresso das lembranças antigas, que estão comigo nesta hora, redivivas por um momento numa luz de saudade. 173

Quero que êste encontro, na casa de ensino onde me formei, sirva de ensejo para que eu preste contas ao meu país, na minha velha Faculdade, sôbre o que realizei, como Presidente da República, no plano da educação nacional. Nenhum ambiente seria mais adequado que êste. Aqui fui estudante, aqui fui professor. No momento em que o professor retorna eventualmente à cátedra, por fôrça da generosidade de vosso convite, o que êle vem dizer-vos é que o Presidente não esqueceu o estudante e o professor, conforme ides ver no painel de realizações que desejo apresentar-vos. 174

É na alegria do dever fielmente cumprido que tenho encontrado o alento das fadigas naturais de 175

minha caminhada como chefe de govêrno de uma grande Nação democrática.

176 Tudo quanto prometi ao País, na minha campanha de candidato à Presidência da República, já pode ser visto agora, convertido em realidade objetiva, numa perfeita demonstração de que é possível levar a bom têrmo as grandes obras de expressão nacional em plena vigência da democracia brasileira.

177 Como aquêlê professor de um romance de Dickens, o povo não se contenta com palavras: quer fatos e exige realizações. E êsses fatos e essas realizações aí estão, sacudindo o Brasil de Norte a Sul, de Leste a Oeste, e acordando o gigante que parecia esmagado por seu próprio tamanho.

178 Olhai o mapa do Brasil. Não é mais o mesmo. Com o rumor das máquinas e das ferramentas golpeando as florestas densas e virgens, multiplicaram-se as estradas, que unificam ainda mais o país. Por essas estradas, pavimentadas com o nosso asfalto, circulam os veículos fabricados aqui.

179 A faixa litorânea, que servia de núcleo radiativo da Nação como expressão política, desloca-se para o Planalto Central. E nesse Planalto, que a solidão verde alongava numa sensação de infinito, lá está, à espera do Brasil de amanhã, a sua nova Capital, iniciativa sem rival no mundo, construída por uma vontade firme — a vontade firme que levanta esta gente e faz vibrar esta terra, e é a nossa própria energia de povo que afinal se compenetrrou de sua maturidade e de sua capacidade de sonhar, empreender e realizar.

180 No vasto plano de ação em que nos empenhamos, desde a primeira hora de meu Govêrno, no sentido de retirar o Brasil da condição melancólica de país sub-

desenvolvido, só um pensamento nos guiou: aparelhar melhor uma grande Nação para um grande povo.

O homem brasileiro, nas diversas expressões correspondentes às diversas áreas do território nacional, tem sido, em verdade, o objetivo essencial do plano de metas de meu programa administrativo. 181

Já tive oportunidade de acentuar, no balanço geral de meu Governo, as três áreas contrastantes no panorama da vida brasileira: o Sul, com o seu desenvolvimento extraordinário; o Nordeste, acentuadamente subdesenvolvido e reclamando providências urgentes, que estão sendo postas em prática e toda uma região, a Oeste e ao Norte, que apresenta esta anomalia trágica na Terra da Promissão: é o maior deserto do Planeta. 182

Para corrigir êsses contrastes, que correspondiam a um tipo *sui-generis* de discriminação, porque era a discriminação do país consigo mesmo, criando privilegiados e marginais, no âmbito de suas fronteiras, — urgia dar solução aos nossos problemas de base, indispensáveis a uma nova união do Brasil — a união decorrente de melhores oportunidades para todos, a fim de que não constituísse um privilégio ter nascido no Sul e uma condenação perpétua ser filho das outras regiões. Esse é o verdadeiro sentido de nossa luta. 183

Para quem, em última análise, as metas de petróleo, das rodovias, da mecanização da lavoura, da indústria automobilística, senão para o homem brasileiro? Para quem Três Marias? E o aumento de nosso potencial elétrico? E a ampliação de nossa produção siderúrgica? E o reequipamento de nossas ferrovias? Nunca se pensou tanto no homem brasileiro como agora. E êsse pensamento, longe de ser a simples especulação filosófica para devaneios de gabinete, obedeceu a uma finalidade patriótica e humanitária, destinada a ir ao encontro de milhões de patrícios que estavam esque- 184

cidos nas áreas empobrecidas ou inexploradas, mais vegetando do que pròpriamente vivendo, como simples rebanhos para efeito de ufanias demográficas.

185 Ao conjunto de metas em que foram fixadas as diretrizes estruturais de meu plano de govêrno deveria necessàriamente corresponder uma filosofia de educação, destinada a preparar o país para o desenvolvimento conseqüente à execução daquele plano.

186 Em doze proposições fixaram-se as diretrizes que norteariam a adequação do sistema educacional brasileiro à transformação que se operaria no país. Algumas providências nesse sentido tiveram de ser emergenciais, em face de graves erros passados que urgia sanar e corrigir, para que não corrêsemos o risco de ver perigar tôda uma vasta estrutura técnica por falta do indispensável preparo das novas gerações, sôbre as quais iria recair a responsabilidade futura do desenvolvimento nacional.

187 A ascensão das classes trabalhadoras, por fôrça das benéficas providências de nossa legislação social e também por imperativo da evolução brasileira nas áreas mais favorecidas, reclamava educação de nível mais elevado, sobretudo de caráter ocupacional e técnico.

188 Assentou-se como princípio que a educação primária deveria assegurar, além da posse das técnicas fundamentais da cultura, a habilitação mínima do homem para os deveres da produção e da convivência social. A educação secundária perderia o seu caráter de ensino médio, para revestir-se de caráter autônomo, convertida em aspiração geral de preparo a que tende a coletividade brasileira. O ensino superior, compartimentado segundo o sistema tradicional de escolas e cursos estanques, teria de obedecer à flexibilidade dos currículos, para interpretação de faculdades e cursos,

com seus planos de estudo ajustados às demandas sociais.

O desenvolvimento econômico intensivo, que elabora neste momento a transformação social de nosso país, só poderia efetivar-se com apoio num sistema educacional consentâneo com a nova realidade brasileira. A êsse sistema, revolucionário em muitos de seus aspectos, denominou-se “educação para o desenvolvimento”, nos claros termos de seu ideal. 189

Esse sistema, em que hoje se fundamenta o plano educacional do país, não é, entretanto, como à primeira vista se poderia supor, uma educação puramente técnica, sem objetivo ético e conteúdo humanístico. A décima segunda proposição em que se baseia o novo sistema educacional de meu Governo, estabelece que, à luz das diretrizes dêsse sistema, a educação corresponde a um novo humanismo pedagógico, em que o indivíduo é visto como protagonista da sua época. 190

Ponto capital para a efetivação da reforma que se pôs em execução e que vem sendo implantada sem alardes, tinha de ser o montante das despesas com o seu processamento e custeio. 191

Em 1956, o total das verbas destinadas à educação, pelo orçamento elaborado antes do meu Governo, subia a pouco mais de quatro bilhões de cruzeiros. Em 1960, êsse montante foi elevado para quase dezessete bilhões. E pela primeira vez, com êsse montante, se cumpriu a letra do dispositivo constitucional, que manda destinar o mínimo de dez por cento da receita orçamentária para as despesas com a educação. Para isso, tomei a iniciativa de enviar Mensagem ao Congresso em 1958, regulamentando o mencionado dispositivo, já cumprido aliás nesse mesmo ano. 192

De 1952 a 1955, construíram-se 1.995 salas de aula para o ensino primário. No meu Governo, construí- 193

ram-se, até este momento, 2.364, com um aumento de matrícula correspondente a 1.500.000 alunos.

194 O ensino complementar, incorporado na atual administração ao sistema educacional brasileiro, com a instituição de mais dois anos de escolaridade, nos quais se dá ênfase às práticas de trabalho ajustadas ao meio, veio atender ao grave problema do “hiato nocivo” que freqüentemente se evidencia no educando no período de 11 a 14 anos. A partir de 1957 instalaram-se quarenta centros de educação complementar e construíram-se 122 pavilhões de oficinas e artes industriais.

195 Aqui mesmo em Belo Horizonte, tendes a realidade ao alcance de vossos olhos para ilustrar o argumento das estatísticas: os Centros da Vila Salgado Filho e da Vila Afonso Pena, já em funcionamento, e os Centros do Horto e do Barreiro, em construção.

196 No mesmo plano de estudos, esboçou-se um Plano-Piloto de erradicação do analfabetismo no país, plano êsse iniciado a partir de março de 1958 nos seguintes municípios: Leopoldina, em Minas Gerais; Timbaúba, em Pernambuco, e Catalão, em Goiás. No ano seguinte, estendia-se a experiência a Júlio de Castilhos, no Rio Grande do Sul, a Santarém, no Pará, a Benjamin Constant, no Amazonas, a Guajará-Mirim, em Rondônia, a Picuí, na Paraíba, a Macaé, no Estado do Rio, e a Mococa, em São Paulo. E no corrente ano o mesmo Plano, já convenientemente experimentado, se estenderá a trinta novos municípios.

197 A Campanha de Erradicação do Analfabetismo, até 31 de dezembro de 1959, instalou 400 salas de aula, que permitiram a matrícula de 23.896 crianças, para as quais não havia escolas disponíveis; iniciou com êxito a escolarização de emergência e a alfabetização de 8.900 alunos acima de 15 anos de idade; treinou, mediante seminários e cursos especiais, 425 professores, e

está preparando, em caráter de urgência, cerca de 350 professores para as áreas rurais; construiu cerca de vinte mil metros quadrados de área coberta útil para fins escolares, e acaba de dar início à montagem de quarenta escolas pré-fabricadas, solução moderna para um velho problema, esperando-se que, com os recursos orçamentários do presente exercício, mil novas salas de aula possam ser instaladas, na ordem do mesmo plano de ação; em cooperação com o Sistema Radioeducativo Nacional, criado em 1957 no Departamento Nacional de Educação, a Campanha de Erradicação do Analfabetismo iniciou um sistema de rádio-escolas, com vistas à educação de base das populações do interior, devendo ser instaladas 300 dessas unidades educativas somente em 1960. Em resumo, somente com essa Campanha, de tão fecundos resultados em todo o País, empregou meu Governo o montante de oitenta milhões de cruzeiros.

O Sistema Rádioeducativo Nacional, partindo da reflexão de que seria impossível ao país neste momento dispor dos seiscentos mil professores que seriam necessários para atender a dezoito milhões de analfabetos, fez do rádio, como recurso moderno de contatos humanos, o seu agente na obra educacional brasileira. Com o propósito de criar cursos básicos de educação popular, o Sistema elaborou e editou em discos "long-playing", em dois anos de atuação, mais de mil programas radioeducativos, distribuídos em 17 setores do conhecimento, desde a puericultura à economia doméstica. 198

O que particularmente distingue esta obra é o apoio maciço que lhe vem dando a iniciativa particular, porquanto, dos sessenta setores em atividade, somente cinco pertencem à iniciativa oficial. 199

Na mesma linha de trabalhos, instalou o Departamento Nacional de Educação, em Minas Gerais, na ci- 200

dade de Leopoldina, a Rádio SIRENA, destinada a servir de emissora modelo e de centro de preparação do pessoal a serviço dos vários sistemas radioeducativos, funcionando como estação-chave de um grande sistema de educação popular pelo rádio para a Zona da Mata.

- 201 O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, que tão relevantes serviços tem prestado no setor da técnica e da filosofia da educação brasileira, foi condignamente instalado em sede própria neste Governo e ampliou a Belo Horizonte e a Recife a sua área de ação, com a criação de dois Centros Regionais que lhe são subordinados.
- 202 O ensino médio, nas suas três modalidades, o secundário, o comercial e o industrial, mereceu cuidados especiais, nestes quatro anos de trabalho intensivo, e sei que nunca se fez tanto em igual limite de tempo.
- 203 Para a construção do Internato do Colégio Pedro II, mais de cem milhões de cruzeiros foram empregados. Procedeu-se à ampliação do Anexo Sul do mesmo estabelecimento de ensino. E instalou-se outro anexo, o da Tijuca. De tudo resultando que a matrícula, em nosso Colégio padrão, que foi de 3.500 alunos em 1955, passou a 7.740 em 1959.
- 204 No mesmo nível de ensino, promoveu o atual Governo a instalação do Colégio Militar de Belo Horizonte, iniciando a construção de sua majestosa sede na Pampulha, com uma capacidade de dois mil alunos.
- 205 A obra aí está, imponente nas suas grandes linhas, e constitui um desmentido arquitetônico aos que presumem que o empenho em desenvolver o país nos desviou do cuidado de sua educação, sem a qual nenhuma Nação pode levar adiante os planos vitais de sua redenção econômica.
- 206 Sucessivamente criamos os Colégios Militares de Salvador, de Curitiba e de Recife, com idêntica capa-